



TRAJETÓRIAS DOCENTES: OLHARES SOBRE GÊNERO NAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE PROFESSORAS

Míria Izabel Campos
Universidade Federal da Grande Dourados
miria.iza.campos@gmail.com

1. Introdução: trajetórias iniciais

Para escrevermos sobre a história de mulheres e gênero pressupõe entender, primeiramente, que ao longo da história diferenças foram transformadas em desigualdades para justificar relações de poder constituídas a partir de concepções homofóbicas, misóginas, excludentes, hierarquizadas, dentre as quais destacamos heterossexuais/homossexuais, homens/mulheres, brancos/negros, adultos/crianças. Nesse contexto, ressaltamos, “[...] tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas [...]” (MEYER, 2007, p. 25) e, se são produzidas, poderão/precisarão ser desconstruídas, ressignificadas ou continuarão sendo reproduzidas.

Tedeschi (2013, p. 319-320), salienta como é importante apreender a “[...] a íntima vinculação do gênero com as relações de poder [...]”. Pois, “tanto um como o outro não podem ser admitidos ou mensurados como elementos separados, estanques, divorciados, mas constitutivos de realidades e eventos historicamente situados”.

Nesse sentido, vale destacarmos que na escrita histórica, muitos foram os entendimentos e usos dos termos gênero, sexo, mulher, mulheres. Pedro (2005, p. 77) escreve que “[...] através de um diálogo com movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas, foram se constituindo algumas categorias de análise [...] presentes em vários campos de conhecimento [...]”. Ou seja, dependendo dos contextos políticos e/ou dos modelos teóricos em evidência, os estudiosos se valeram de diferentes conceitos.

Assim, citando Colling (2014, p. 15), salientamos que “ao se analisar a história sob uma perspectiva de gênero, questiona-se a validade dos modelos interpretativos existentes, modifica-se a centralidade das análises hegemônicas, tornando-se visível o androcentrismo do

discurso científico e histórico tradicional, condicionando-se assim a produção global da história”. E, trazendo as novas análises e posicionamentos de Scott (2008, p. 20, tradução nossa), enfatizamos, “[...] gênero significa conhecimento da diferença sexual”. E “[...] tal conhecimento não é absoluto nem verdadeiro, mas sempre relativo [...]”.

Feitas essas primeiras considerações, registramos que este texto que ora apresentamos foi construído a partir da pesquisa de Mestrado desenvolvida entre os anos 2008/2010. A Dissertação intitulada “Memórias de infância de professoras da Educação Infantil: gênero e sexualidade” foi defendida no Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados (CAMPOS, 2010). Utilizando os dados originados da investigação, ampliamos as reflexões à luz de outras leituras e discussões que temos empreendido, pois entendemos que é primordial evidenciarmos pesquisas que estabelecem uma intercessão entre a história da educação, história das mulheres e estudos de gênero, levando em consideração as novas perspectivas de análises que têm ampliado as áreas de investigação e incorporado novas metodologias para os estudos históricos, bem como têm acreditado ser necessário possibilitar a entrada dos sujeitos femininos no cenário historiográfico.

A partir disso, a proposta é partilhar uma pesquisa que teve como fonte as memórias de infância de professoras da Educação Infantil, mulheres nascidas nas décadas de 1960 e 1970, na cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. Tendo como argumento a infância enquanto uma construção histórica, cultural, social, período importante de formação de conceitos e concepções que poderão influenciar na forma como se estabelecerão as relações, posteriormente, na vida adulta, nosso objetivo foi investigar como professoras da Educação Infantil vivenciaram/construíram concepções de gênero nas suas diversas relações interpessoais, nos espaços privado e público, quer sejam, família, comunidade, escola, igreja. Conforme aponta Xavier Filha (2005, p. 197), “[...] qualquer espaço social pode transformar-se em instâncias e práticas pedagógicas, desde que orientados para a constituição de sujeitos”.

2. Contando da pesquisa: trajetórias teórico-metodológicas

Segundo Louro (2008, p. 17), “gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”. Assim, nossa perspectiva era de que as mulheres/professoras tinham sido educadas e cuidadas

para corresponderem a comportamentos ditos de meninas, conforme padrões sociais e históricos dominantes e impostos. E que tais aprendizados, por não terem sido desconstruídos/ressignificados, estavam presentes, sendo reproduzidos cotidianamente nas suas práticas pedagógicas. Indo ao encontro do que destaca Nóvoa (1994, p. 2), “na configuração assumida por nosso trabalho, trata-se de favorecer um olhar para o modo como o passado é trazido até o presente para disciplinar e normalizar as ações”.

Nesse contexto, empreendemos estudos teóricos sobre a infância, a Educação Infantil e suas interfaces com gênero e sexualidade e gravamos os depoimentos das professoras, trabalhando com a História Oral Temática, que segundo Freitas (2002, p. 21), é um dos gêneros possíveis dessa metodologia, pois “[...] a entrevista tem caráter temático e é utilizada com um grupo de pessoas sobre um assunto específico”. Realizamos entrevistas semiestruturadas, quando recolhemos as memórias de infâncias no tocante à temática de gênero e sexualidade, de cinco (5) professoras que atuavam junto às crianças de zero a cinco anos nos Centros de Educação Infantil Municipal (CEIMs), as instituições públicas da cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

De acordo com essa concepção teórica, consideramos primordial entrevistar mulheres/professoras que tinham nascido em Dourados/MS e vivido suas infâncias na cidade. Isto é, meninas que viveram um tempo, um espaço e uma cultura específicos. E sobre nosso recorte, Xavier Filha (2000) contribui ao discutir as diferentes respostas dadas, por exemplo, às perguntas sobre o termo sexualidade, chamando nossa atenção para os conceitos embutidos nas palavras. De como esses são originários de cada sociedade, de cada época, e aponta que “o sentido do termo sexualidade poderia ser outro, se fizéssemos a mesma pergunta na década de trinta, ou mesmo, para comunidades contemporâneas, [...] para uma cidade litorânea e outra para uma comunidade do interior do Brasil” (XAVIER FILHA, 2000, p. 144).

Evidenciamos a nossa escolha em trabalhar somente com mulheres/professoras, pois em Dourados/MS são maciçamente elas que cotidianamente se relacionam com as crianças, meninas e meninos, e participam ativa e intensamente na construção/desconstrução de regras e costumes. Sabemos que as transformações nas relações sociais e na organização familiar, bem como as mudanças no mundo do trabalho, desenharam um novo modo de produção e o estabelecimento de uma nova organização social, que provocou a inserção da mulher no trabalho fora da casa. Mas não sem os contornos históricos que levaram as mulheres para os postos de trabalhos considerados seus destinos naturais (MEYER, 2007). Vale lembrarmos, inclusive, a própria constituição histórica do magistério que nos remete a um quadro de

reprodução de desigualdades. Ser professora nada mais é, para muitos, postos de trabalhos considerados destinos naturais das mulheres.

Compreendemos que tais transformações ao retirar a mulher do lar e da posição antes ocupada por ela como mãe e responsável pela criação dos filhos, vai colocá-la nas frentes de produção como operária, exigindo sua participação no mercado de trabalho e impondo a necessidade da criação de formas de atendimento para suas crianças (SARAT, 2009). Assim, inauguram-se formas de atendimento as quais vêm suprir ou, pelo menos, minimizar a responsabilidade com as crianças, que anteriormente ficava a cargo de mães ou amas (ao longo da história sempre foram mulheres que estiveram envolvidas no processo de criação dos filhos).

Importante destacarmos, temos um atendimento à pequena infância historicamente desenvolvido por mulheres, que se fundamenta numa tradição, chamada por Auad (2006, p. 65, grifos do original) de “*tríade mulher-mãe-professora*”. Tais concepções se baseiam na ideia equivocada que as pessoas têm a respeito do trabalho que envolve mulheres e crianças, ou seja, aquela “[...] configuração da maternidade e do cuidado de crianças como ‘destino natural de mulher’” (MEYER, 2007, p. 14), como já apontado antes.

Terminadas essa breve trajetória, ressaltamos que objetivamos trazer para este espaço o debate de questões acerca das desigualdades entre meninas/meninos, mulheres/homens, ainda presentes em nossa sociedade. Ou seja, apesar dos avanços e conquistas alcançados com os movimentos feministas e movimentos de mulheres, e de estudos e pesquisas apontarem para uma mudança significativa na vida das mulheres com maior inserção dessas nos espaços públicos e de elas deterem hoje um nível de escolarização maior que o dos homens, nós ainda convivemos com grandes quadros de desnível salarial, discriminação e violência.

Nessa direção, apontamos que ouvimos das professoras por nós entrevistadas, histórias que davam conta de uma diferenciação na educação de meninas e meninos nas suas infâncias, que as fizeram se sentirem tolhidas, cerceadas, diminuídas socialmente, impossibilitadas de viverem as mesmas experiências que os irmãos, de não terem acesso a todas as informações e espaços que eles tiveram, dentre outras. Ou seja, elas se sentiram “[...] marginalizadas por uma ciência androcêntrica e uma história, tradicionalmente, referenciada aos homens [...]” (GALINKIN; BERTONI, 2014, p. 22).

Por isso, estamos entendendo ser imprescindível buscarmos a compreensão do conceito de gênero para escrevermos outras trajetórias docentes, pois a nosso ver são esses estudos e diálogos que nos mobilizaram e continuam a nos instigar para intervir nos caminhos da

história da educação. Investigar acerca da história de mulheres, dos estudos de gênero e das suas trajetórias na educação.

3. Memórias das professoras: as trajetórias de gênero

Nas últimas décadas do século XX, no Brasil, vimos emergir movimentos reivindicatórios por uma sociedade mais justa, democrática, igualitária, que respeita as diversidades de classe, raça, gênero, etnia e geração. Adentramos o século XXI e cada vez mais fazem parte da “cena social” (ELIAS, 1994) os debates, e embates, em prol de garantias para que todas e todos possam viver com liberdade suas orientações sexuais e construir relações de gênero mais íntegras e equânimes.

Não obstante, sabemos que nesse campo as discussões são tensas, pois implicam a problematização de relações de poder estabelecidas socialmente a partir de concepções de masculinidade e feminilidade tidas como “verdades” naturais e absolutas (FELIPE, 2008). Nesse sentido, se acreditamos na necessidade, ou melhor, na urgência de mudanças significativas na realidade brasileira, que ainda convive com crimes homofóbicos e altos índices de violência contra as mulheres, nós precisamos assumir responsabilidades para que transformações se efetivem.

Marcamos que o gênero é compreendido aqui como categoria de análise histórica, cujos estudos surgiram no bojo das discussões feministas no século XX, para refutar a ideia de essência, pois esta estava pautada em explicações de determinismo biológico, que muitas vezes foram utilizadas para justificar desigualdades entre mulheres e homens. Segundo Scott (1995, p. 86), gênero pode ser entendido como “[...] um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Nessa direção, entendemos que gênero não é um produto acabado ao nascimento, ele é oriundo de uma construção histórica, social, cultural e “[...] a partir do gênero, é possível desconstruir as diferenças, hierarquias e formas de dominação de uns/umas sobre outros/as, sejam homens, crianças ou adultos” (SAYÃO, 2003, p. 71).

A despeito do conceito de gênero relacionar-se tanto à construção social de homens e mulheres quanto às diferentes orientações sexuais, importante relevar, neste texto nos dedicaremos às questões referentes a homens e mulheres, não dispensando atenção às diversas orientações sexuais. Ademais, apontamos que pretendemos discutir memórias e histórias de professoras sobre a educação e os cuidados recebidos durante suas infâncias, no espaço

familiar, pois como bem indica Elias (2001, p. 22), “[...] os homens trazem em si, no que diz respeito às suas vidas, uma intuição cuja origem remonta aos primeiros momentos passados em sua família”.

Tais apontamentos nos fazem apresentar discussões do texto “Ser menina ontem e hoje: notas para uma pré-história do feminino”, de Egle Becchi (2003), autora italiana, que chama atenção para o pequeno número de estudos acerca da “[...] tenra idade no feminino” (BECCHI, 2003, 41). Apoiada nos pressupostos da psicanálise, ela escreve sobre a importância da relação das mães com as filhas para entendermos a construção das subjetividades das meninas. A partir de pesquisa histórica, a autora chama atenção sobre textos franceses dos séculos XVII e XVIII¹ que já relatavam acerca da

[...] existência da proibição da palavra na educação das meninas. Suspeitas de falarem demais e sem razão, consideradas como incapazes de raciocínio, vistas como propensas ao pecado e, de qualquer maneira, frágeis, exatamente pela sua essencial natureza infantil, são mantidas no e em silêncio [...]. (BECCHI, 2003, p. 42-43).

Nos períodos históricos citados, meninas e meninos eram criadas/os por mulheres (mães, amas, irmãs mais velhas, servas) e permaneciam nas mãos destas até os 07 (sete) anos. Segundo Becchi (2003, p. 43), os pequenos permaneciam literalmente “[...] ‘nas mãos das mulheres’ como se dizia na França entre os séculos XVI e XIX”. Entretanto, de acordo com a escritora, é imprescindível nos alertarmos para a “[...] aparente neutralidade da condição infantil, onde menino e menina parecem compartilhar ritmos e modos de crescimento quase homogêneos” (BECCHI, 2003, p. 41).

A partir dessa discussão da autora acerca de uma provável diferença de tratamento na educação e cuidado de meninas e meninos, seguem as lembranças das professoras Gabriela, Mariana e Clara (respectivamente), quando das entrevistas do Mestrado:

Olha, quanto a isso minha mãe era um pouco rígida. A formação dela era assim é meninos de um lado com mais privilégio; ela não gostava que nós aprendêssemos assim a assobiar, porque ela achava que isso era coisa de menino.

Aí sim, eu sentia mesmo. Porque não podia e os meninos, parece que eles podiam muito mais. Certas brincadeiras, ou ir mais longe, que nem pescar em

¹ J. Pascoal, Règlement pour les enfants de Port Royal; Fénelon, De l'éducation des filles; e Rousseau, Emile ou de l'éducation (BECCHI, 2003, p. 42).

córegos longe de casa, eu não podia ir, eu nunca pude, somente os meninos, era coisa de menino. Então era bem determinado!

Os meus irmãos, o mais velho, ele era muito, muito divertido. Então, às vezes, ele queria chamar a atenção da minha mãe porque ele falava: ‘tem que falar tal coisa pra ela. Ela vai chegar numa idade que ela tem que saber tal coisa e a senhora não fala!’ E os dois discutiam por causa disso. Mas, ela mesmo, não falava não.

Observamos, pelas falas, uma diferença na educação e cuidado de meninas e meninos, o que faz com que a professora Gabriela pronuncie “meninos de um lado com mais privilégio”. A ela e às irmãs era negada a possibilidade de aprender o assobio. No caso da professora Mariana, os irmãos podiam “ir mais longe”, sair dos arredores da casa. E à professora Clara eram sonegadas as informações que possibilitariam a ela viver a vida em sua plenitude. Ou seja, meninas cerceadas por uma educação e um cuidado diferenciados daqueles destinados aos meninos que, provavelmente, a partir de tais vivências, adquiriram maiores conhecimentos, desenvoltura e autoestima.

Voltando às contribuições de Becchi (2003, p. 43-44), podemos evidenciar o seguinte trecho bastante significativo:

[...] neste mundo mais de gestos do que de palavras, que ameaça e sedução têm um papel importante, constituem indutores ou inibidores enérgicos do que deve ou não ser feito. [...] modalidades educativas [...] permeiam o mundo infantil de ambos os sexos. Mas enquanto esse mundo abandona primeiramente os meninos pelo caminho - no trabalho, na escola, onde outros gestos, outras estratégias, palavras mais poderosas dominarão - no caso das meninas, o mundo as prende durante quase todo seu crescimento.

A partir deste escrito da autora salientamos, especialmente, o depoimento da professora Mariana para quem as memórias de infância trouxeram um tempo e um lugar nos quais “os meninos parece que eles podiam muito mais. Certas brincadeiras, ou ir mais longe. Eu não podia ir, eu nunca pude somente os meninos, era coisa de menino”. Nesse depoimento, fica evidenciada uma distinção no cuidado e educação destinados a meninas e meninos. A professora se recorda de uma menina presa, que não podia se afastar de casa, viver as aventuras que aos irmãos eram permitidas. Percebemos nas palavras da professora um sentimento de perda durante seu processo de crescimento, à medida que a ela e às irmãs não foram dadas as mesmas condições de experimentarem o mundo, dadas aos irmãos. Ela diz “era coisa de menino. Era bem determinado!”.

Sobre a fala da professora Clara, diante da omissão e negação da mãe em tratar do assunto da sexualidade com a única filha, o irmão mais velho, procurava colocar a irmã a par “das coisas da vida”. Ela, considerando-se criança ainda, esquivava-se da conversa, pois “não queria nem saber desses assuntos, eu que ficava encabulada dele vir falar certas coisas pra mim”. A mãe, em contrapartida, ficava muito brava e brigava com o filho por falar “tal coisa pra ela”. A professora no final diz, “eu tive mais instrução (com os irmãos) do que com minha mãe”. E acaba reconhecendo que foi bom e que aprendeu vendo e ouvindo as conversas dos irmãos.

Torna-se relevante, nesse contexto, destacarmos que o silêncio já (con)forma uma maneira de dizer o que se pensa ou conhece sobre determinado assunto. Que o silêncio é uma forma de linguagem humana, que expressa sentidos e significados. Portanto, o silêncio também educa. Daí, imprescindível estar atento ao processo de desenvolvimento da criança, pois este pressupõe a introjeção de valores e normas ditados por determinada sociedade, de acordo com o tempo histórico em que está inserida, da realidade histórica e socialmente construída. Nessa direção, questões que não são discutidas, palavras que não podem ser pronunciadas, além dos conceitos de certo e errado, moral e imoral, adequado ou não, situações que são alvo de fiscalização por parte da família, da escola e da sociedade em geral, acabam por serem internalizadas inconscientemente pelas crianças e passam a fazer parte das suas concepções.

Em relação aos ensinamentos acerca das relações de gênero, observamos que a influência social também é preponderante. Meninas e meninos poderão construir atitudes democráticas e igualitárias; ou atitudes sexistas, de exclusão, homofóbicas, discriminatórias e preconceituosas nas suas relações fora de casa. Ao saírem do contato mais estreito com a família, cada vez mais as crianças estarão expostas aos ensinamentos das diversas instâncias, que são importantes no processo constitutivo dos sujeitos.

Acerca dessa temática de gênero, quando foi solicitado falarem acerca das obrigações ditas femininas, as professoras Gabriela, Natália e Amanda (respectivamente) se pronunciaram assim:

Olha, eu lembro que eu ficava assim muito chateada, porque os meninos não faziam nada dos serviços domésticos. Quando crianças, eles não nos ajudavam a lavar louça, nem a secar o banheiro, nada, nada, nada, só as meninas que faziam este tipo de serviço. E eles eram bastante assim autoritários com a gente. Em casa eles só chegavam para comer, assistir televisão. Eles tinham vida boa, melhor que todas nós.

Sim, mais ou menos naquela época as meninas tinham que ajudar em casa, mesmo lavar louça, varrer a casa, varrer quintal, depois que terminava todo o trabalho que poderia brincar. Mas enquanto isso, os meninos estavam no quintal brincando, todos à vontade brincando, a gente nunca tinha aquele cuidado, os meninos também têm que ajudar. Então tinha aquela separação: meninas têm que ajudar em casa, depois que vocês vão brincar.

Com certeza, nós sempre ajudamos bastante a minha mãe, sempre mesmo. E tínhamos as obrigações, brincávamos muito, vocês arrumam bastante bagunça, mas antes da bagunça, antes da festa e da ferra, são as obrigações mesmo.

Percebemos que aparecem diferenças bem determinadas para meninas e meninos, tanto no que diz respeito às brincadeiras, o que um podia e o outro não, como em relação às ditas obrigações com as tarefas de casa, que só eram cobradas das meninas. Nessa direção, vale destacarmos as discussões que vêm sendo produzidas por diversos estudiosos da temática, salientando de como as diferenças vão sendo construídas ao longo da vida de meninas e meninos. Como as expectativas que antecedem ao nascimento já começam a demarcar os lugares e os fazeres de um e de outro. Das meninas é esperado que sejam meigas, frágeis, passivas. Em contrapartida é cobrada a força, a coragem e a agressividade do menino. Indispensável assinalarmos que não queremos concluir com essas reflexões, como bem pontua Auad (2006, p. 23) que “[...] os homens sempre dominam e as mulheres sempre são dominadas”. O que precisa ser evidenciado que ser menina/ser menino, ser mulher/ser homem não é algo pronto, dado, e que é necessária atenção às nossas ações cotidianas, que às vezes, inconscientemente repetem padrões e modelos por nós vividos/aprendidos/internalizados.

Sobre as divisões das atividades, constatamos pelos depoimentos um sentimento ruim, de indignação pelos tratamentos diferenciados e até de mando por parte dos irmãos. A professora Gabriela fala “eles tinham vida boa, melhor que todas nós”. Quando os irmãos iam trabalhar, o serviço era sair no caminhão com o pai, caminhão no qual ela lembra em outro momento da entrevista, que não podia nem chegar perto e, muito menos fingir que brincava, pois mulheres não dirigiam caminhão naquela época. Aos irmãos eram dados privilégios de só almoçar e depois descansar assistindo a televisão, enquanto as meninas estavam limpando, lavando, cuidando de afazeres domésticos. E elas somente podiam brincar depois que terminassem as tarefas. Mas, enquanto isso, os meninos já estavam aproveitando, pois, eles tinham o tempo todo livre para brincar.

Depreendemos, no tocante às relações de gênero, que nas infâncias das professoras entrevistadas, podemos indicar uma “figuração estabelecidos e *outsiders*” (ELIAS;

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

SCOTSON, 2000, p. 22), com as tensões inerentes nesses casos, quando o grupo constituído pelas meninas se ressentia de um poder diferente daquele possibilitado ao grupo dos meninos, bem como de regalias dadas a eles, as quais elas não usufruíam. Mas, ao mesmo tempo, não podemos nos furtar de escrever que, se invertêssemos a pesquisa e perguntássemos aos professores sobre suas infâncias, é bem provável que os depoimentos trouxessem memórias e histórias de meninos dando conta de uma inversão desse poder em favor das meninas. Ou seja, é uma história com muitos movimentos e que, com certeza, agrega conflitos e tensões.

4. Algumas considerações: trajetórias finalizadoras

Finalizamos nosso olhar sobre gênero nas trajetórias docentes assinalando que, ao evocar as memórias as professoras trouxeram lembranças modificadas pelo tempo e pelas vivências, pois como aponta Bosi (2007), trabalhar com a memória exige atenção, porque o relatado é tão somente o passado recriado no presente, ou, ainda, a reinvenção do passado pelo presente. E, nessa perspectiva, as lembranças de infância das professoras acerca da educação por elas recebida, no âmbito privado, nos contaram o que foi observado, possível e permitido rememorem.

O que reverberou, daquelas infâncias vividas em Dourados/MS, é diferente da cidade que hoje conhecemos. E as mulheres colaboradoras da pesquisa, não eram mais as crianças daquele tempo. Mas, acreditamos ser pertinente afirmar, que os cuidados e educação vivenciados naqueles momentos distantes continuam marcando as vidas das mulheres/professoras e que muitos dos conceitos e concepções aprendidos se mostraram presentes, fortes, e por vezes angustiantes, nas vozes das professoras.

Assim, pontuamos que fazer-se menina/mulher e menino/homem pode e deve ser diferente da visão amplamente difundida de uma essência feminina e masculina. Diferente da ideia pré-concebida de que tudo já vem dado e é natural. Entendemos que as maneiras de educar, cuidar, formar e (con)formar as relações de gênero são constituídas nas diferentes instâncias e práticas sociais e creio que tal temática precisa estar em debate permanente. Acreditamos ser imprescindível enfrentarmos desafios e fazer a travessia por distintos caminhos, jogar o jogo de diversas maneiras, nos diferentes campos de embates. Ou seja, continuar envidando esforços com o firme propósito de questionar certezas, rever conceitos e preconceitos em uma temática que a maioria ainda prefere deixar esquecida e/ou ver silenciada, perpetuando, dessa maneira desigualdades históricas. E, nessa direção,

vislumbramos contribuir com uma análise historiográfica que permita reconhecer rupturas e continuidades na história das mulheres/professoras.

5. Referências

AUAD, Daniela. **Educar Meninos e Meninas: relações de gênero na escola**. São Paulo, Contexto, 2006.

BECCHI, Egle. Ser menina ontem e hoje: notas para uma pré-história do feminino. **Pro-Posições**, Campinas, São Paulo, v. 14, nº 3(42)-setembro/dezembro, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Míria Izabel. **Memórias de infância de professoras da Educação Infantil: gênero e sexualidade**. Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Dourados, MS. (Dissertação de Mestrado), 2010.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados/MS: Editora UFGD, 2014.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John I. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FELIPE, Jane. Proposta Pedagógica. Educação para a Igualdade de Gênero. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o Futuro**. Educação para a Igualdade de Gênero. Ano XVIII. Boletim 26, 2008.

FREITAS, Sonia Maria. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GALINKIN, Ana Lucia; BERTONI, Luci Mara. Gênero e educação: um caminho para a igualdade. **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 92, p. 21-42, jul./dez, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, nº 2(56), maio/agosto, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

NÓVOA, Antonio. **História da Educação**: perspectivas atuais. Conferência pronunciada na Faculdade de Educação da USP em 16 de maio de 1994.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

SARAT, Magda. O Surgimento do Conceito de Infância: do Renascimento à Modernidade. In: SARAT, Magda (Org.) **Fundamentos Filosóficos da Educação Infantil**. 2 ed. revisada e ampliada. Maringá: EDUEM, 2009.

SAYÃO, Débora Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, nº 3(42)-setembro/dezembro, 2003.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 2 n. 16, p. 5-22, julho/dezembro, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e historia**. Trad. De Consol Vilà I. Boadas – México: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero e interculturalidade: aproximações. In: TEDESCHI, Losandro Antonio. (Org.). **Leituras de gênero e interculturalidade**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2013.

XAVIER FILHA, Constantina. Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Sexualidade. In: URT, Sonia da C. (Coord. e Org.). **Psicologia e práticas educacionais**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

XAVIER FILHA, Constantina. **Discursos da intimidade**: imprensa feminina e narrativa de mulheres-professoras brasileiras e portuguesas na segunda metade do século XX. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Educação), FEUSP-USP. São Paulo, 2005.